

LIGAÇÕES ETERNAS

Andrea Cordeiro
especial para o Correio

Há dois mil anos, ao segurar uma criança, Jesus ensinou: "Aquele que acolhe em meu nome um desses pequeninos, a mim acolhe". Mas, por desconhecer que a justiça brasileira não pune as mães que entregam seus filhos à adoção, muitas resolvem o problema de forma violenta. Só no mês de julho seis crianças foram assassinadas e abandonadas pelos pais em São Paulo.

Há solução? Sim. O controle rigoroso da natalidade somado a incentivos e esclarecimentos sobre adoção de menores no Brasil.

Tadeu, hoje com 13 anos, chegou na família Souza com oito dias de vida. O apartamento de três quartos estava abarrotado de presentes e móveis infantis como há muito não ficava. Ele era aguardado há 12 anos. O pai adotivo, Hildo, 48, era pura ansiedade, "tive três filhas mulheres e queria muito um menino, mas minha mulher não podia engravidar novamente. Adotá-lo foi a solução", lembra.

"A gente se sente na obrigação de amar e acaba até exagerando na dosagem. Ama demais", revela o pai feliz. Filho de empregada doméstica, Tadeu não teria a mesma vida que tem hoje. Estudou em colégio particular, viajou durante o ano e tem um quarto só para ele com televisão e videogame. "Nós contamos para ele bem cedo. Ele sabe que tem duas mães. Uma da barriga e outra do coração".

Seu rosto é incrivelmente semelhante ao da irmã, Júlia, de 21 anos e da mãe, Joana. "A criança copia os gestos dos pais e fica parecido", explica Marilza Barbosa, chefe do Setor de Adoção da Vara da Infância e da Juventude.

O maior problema é a espera. Há dois anos a pedagoga Ana Lago, 30 anos, e o marido, o engenheiro Guilherme, 30, entraram com o pedido na Vara da Infância e até hoje nada. Eles querem uma menina branca e uma criança, o que geralmente atrasa o processo. "A maioria das crianças disponíveis são morenas e negras. As brancas são mais difíceis", revela Marilza.

"Os processos demoram. De 70% a 80% das crianças no Brasil são passíveis de adoção porque sofrem maus tratos, mas o juiz espera até que o responsável autorize a adoção. A perda da guarda dos pais biológicos demora muito", reclama Ana, que já foi até convidada a participar de programas de TV para discutir o tema.

O casal decidiu desde o namoro que adotaria uma criança. "Não há

como explicar a vontade. É um sentimento, um desejo", justifica. Junto ao pequeno Victor de 3, eles pretendem aumentar a família.

Ela defende ainda que os mitos da adoção como "se a mãe é prostituta a filha também vai ser" ou "a índole é a mesma dos pais biológicos", devem cair. "No Brasil não há tradição, por isso tanta história. Na Europa é um processo comum".

O casal já foi até vítima de um golpista que ronda a cidade atrás de pessoas que querem adotar. Ele se aproxima, revela que tem duas filhas gêmeas brancas e que sua mulher morreu. Sozinho, está desesperado e não pode cuidar delas. As vítimas acreditam e ele marca um encontro onde levará as meninas com os documentos para adoção.

Mas, antes da data marcada, ele pede comida e dinheiro para a passagem de ônibus. Depois desaparece. Com Ana foi a mesma história. Ela o descreve como baixo, branco, grisalho, tem alguns dedos sem as pontas e não estica a mão totalmente. De acordo com Marilza, esse golpista deve morar perto de Sobradinho e está solto por aí.

A troca de estímulos entre a mãe e o filho que ainda está na barriga é muito importante para a criança. Mas, o filho que foi rejeitado e entregue à adoção pode superar a má fase da gravidez com a nova mãe. Tudo depende da forma como ele vai ser recebido e educado. É o que avalia a psicóloga Karla Albuquerque.

Para ela, carinhos combinados com uma educação que prepare para a vida transformam os traumas emocionais. "Filhos naturais e adotivos podem dar problemas na adolescência. O que diferencia é a preparação para a vida". Karla completa ainda que "o abandono também é uma prova de amor. A mãe entrega o filho para outra que seja capaz de dar uma vida melhor para o bebê".

CONTAR OU NÃO CONTAR

Com cinco meses de vida Augusta Maria veio do Ceará para viver com a médica Luiza Soares. Foram felizes até que 16 anos depois Luiza contou a verdade: "Você é adotada". Nada mais bastou para que ela abandonasse o lar e viajasse até o Ceará para encontrar a verdadeira mãe. "Não acredito que ela

me deu para outra pessoa. Eu não queria saber que era adotada", revolta-se.

Augusta abandonou o conforto da família adotiva e saiu de casa. Trabalhou em lojas, morou sozinha e perdeu tudo o que tinha em um incêndio. Hoje é empregada doméstica no Guarã. "Não quero nenhuma das duas como mãe", dispara.

A psicóloga e diretora do Centro de Recepção e Triagem (CRT), Jumara Cruvinel avalia que a decisão de contar ao adotivo é particular do casal. "Eu aconselho a contar e cedo. Fazer com que a criança se familiarize com a realidade e demonstrar que o amor por ela é o que realmente importa. O adotivo pode reagir de várias formas. É imprevisível".

"O fato de o adotante contar ao adotado de uma forma especial e afetiva a verdadeira origem deste, com certeza só estreitará entre as partes a relação de amor e confiança", avalia Marilza. Para ela, a índole da criança não é hereditária. "Tanto um filho natural como um adotivo podem dar problemas no futuro".

Maus tratos, abandono, deficiências físicas e mentais, exploração se-

xual ou por mendicância definem as características das crianças que vivem em instituições como no CRT, em Taguatinga. Um lugar simples e com pouca estrutura encarregado de receber e depois encaminhar ao orfanato as crianças que não são adotadas.

Muitas delas estão esperando a adoção há anos. "O problema é que a mãe ou o pai não ficam com o filho em casa, mas também não liberam para adoção. A justiça fica de mãos atadas e nem pode obrigar o pai a se decidir", esclarece Marilza.

A diferença entre uma criança que vive em casa com a família e outra que divide um espaço frio com outras na mesma situação é o amor. A primeira é cercada desse amor dividido em atenção, carinho e segurança e estimulada em todos os sentidos: social, emotivo e motor. "A outra está só e sem referências afetivas. Ninguém que a ame", explica Jumara, psicóloga.

O processo de adoção é simples. Primeiro o candidato dirige-se à Vara da Infância e da Juventude, localizada na 709/909 Norte. Não é preciso ser casado e a justiça também não estipula renda. Ele é orientado sobre

ADOÇÃO

DOCUMENTAÇÃO

Identidade (cópia autenticada)
CPF (cópia autenticada)
Comprovante de residência
Comprovante de renda
Certidão de Casamento (para casais)
Declaração de Convivência Marital (para casais)
Atestado de saúde física e mental
Atestado de bons antecedentes (nada consta criminal)
Ser maior de 21 e 16 anos mais velho que a criança

OUTRAS INFORMAÇÕES

- Homossexuais podem adotar
- É possível escolher a criança (cor, sexo e idade)
- A adoção é irrevogável (não dá para devolver a criança)
- Não é crime entregar o filho para adoção (os pais não são punidos)
- Recém-nascidos brancos são os mais procurados para adoção (o que pode demorar o processo)
- Existem 10 crianças prontas para adoção no CRT (legalmente encaminhadas)
- Registrar o adotivo como filho sem aval da justiça é crime (o pai adotivo corre o risco de perder a criança)
- Cerca de 80 casais estão inscritos, em Brasília, para adoção
- Todo mês 12 casais inscrevem-se para adoção na Vara da Infância
- A nova família não é fiscalizada pelo juiz (os pais são inteiramente responsáveis pela criança)
- O tempo de um processo pode levar um mês ou anos (depende da escolha do casal e do tempo que a justiça levará para destruir o pátrio poder do pai biológico)

SERVIÇO

DISQUE GUARDA E ADOÇÃO

Fone: 349-5000

SERVIÇO DE ADOÇÃO DA VARA DA INFÂNCIA DA JUVENTUDE

Fone: 348-6600

CENTRO DE RECEPÇÃO E TRIAGEM — CRT

Fone: 561-4914

KARLA ALBUQUERQUE

Psicóloga — Fone: 567-8666

